A maior tiragem de todos os semanarios portugueses
NUMERO 39 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

UM DOCUMENTO SENSACIONAL !!

O atentado de lesa- ·frack· no patio dos ·bichos· ...

Momento, sobre todos emocionante, em que o "Chefe Bonzo" Sr. Antonio Maria da Silva, é perseguido pelas iras populares "ca-nhoticas", e perde uma aza, capotando dentro do seu automovel, marca Packard... e não bufar...!

Veja o nosso concurso de novelas curtas

O DOMINGO ilustrado
ANO I — N.º 39
LISBOA 11 DE OUTUBRO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Uma iniciativa de «O Diario de Lisboa.» A Festa dos Mercados

O nosso brilhante colega *O Diario de Lisboa* teve uma gentil ideia: uma grande »festa de mercados». Essa ideia foi carinhosamente secundado por toda a imprensa.

O Diario de Lisboa é um jornal vibrante e moço, da primeira á ultima linha, e esta sua iniciativa de agora, fazendo uma festa eminentemente lisboeta, bem merece de todos nós.

O sr. dr. Joaquim Manso, que com o seu belo espirito preside áquela casa, encontrou na admiravel sensibilidade de Norberto de Araujo e no «savoir-faire» profissional de Alvaro de Andrade, e em outros colegas daquele jornal, colaboradores a toda a altura da elegantissima e patriotica iniciativa a que de todo o coração nos associamos.

O Domingo Ilustrado que já hoje dedica ao grandioso certame uma pagina de honra, procurará instalar um «stand» onde se exibirão alguns admiraveis modelos de bonecos d'arte, representando costumes populares dos nossos mercados.

Com isso prestamos uma desinteressada colaboração á iniciativa tão brilhante de *O Diario de Lishoa*, jornal que tão nobremente se sabe dedicar á nossa cidade, justificando eloquente as palavras do seu titulo.

Datas

Comemoram os republicanos bastantes datas, que em geral representam datas de pancada que deram.

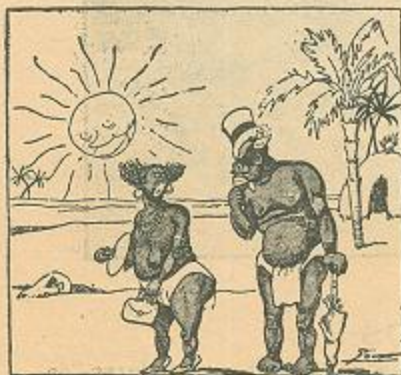
Esses dias festivos para o regime, aproveitam-no os monarquicos para registar os escandalos e roubos que tiveram lugar dentro da Republica, como se ela fosse a responsavel pelos crimes que se praticam em «sua defeza», e como se os principaes criminosos não fossem justamente monarquicos de ontem.

Quem está de fóra, e gosa de palanque estas pugnas politicas como nós, chega a esta conclusão:

Se excluirmos uma meia duzia de revolucionarios sinceros que teve o 5 de outubro, e outra meia duzia de figuras monarquicas que não abandonaram os seus principios e por eles se sacrificaram, e exemplos são: Antonio José d'Almeida e Paiva Couceiro — o resto, barriguismo e crise de tudo, d'ambas as cores. No meio fica o paiz indiferente aos esticões de ambos os lados, com uma resistencia para a vida que até pasma.

Imprensa

Recebemos o n.º 52 de «A Esfinge» a brilhe revista charadista que se publica na capital do norte sob a sapientissima direcção do sr. Arestides Ribeiro—Apolo—a qual insere uma escolhida e primorosamente cuidada colaboração charadista, firmada por verdadeiros mestres deste grande divertimento.

PREVENINDO

—Temos que ir pensando nos fatos de verão porque o calor já está a apertar...

Má língua

Carta a uma enxada

Já que um destino que me desalenta,
me fez de todo alheio ao teu lidar,
venho escrever-te, enxada ferrugenta
que tanto te gastaste a mourejar.

Por ti trocára esta canêta futil;
mas era tarde porém quando o senti.
A mão que escreve tanta coisa inutil,
já me tornára inutil para ti.

Como eu gostava de te erguer com ancia
sem ter mais ambições que as que me desses,
vendo, ao meu gesto, os verdes da abundancia
dar aos maninhos o ondular das messes!

Quizera ter nascido noutra sorte,
no outro extremo da vida que me cança,
amparando ao teu braço obscuro e forte
lógo os primeiros passos de creança.

Gostava de dever ao teu cançaço
um corpo forte e uma consciencia calma,
sentindo que a firmeza do teu aço
me ia passando aos poucos para a alma.

* * *

O tempo das vindimas principia;
por vinhêdos, parreiras, e latadas,
a uva apetitosa e luzidia
pende em grandes legiões amaduradae...

Cada videira é uma bacchante anciosa
adivinhando o desespêro e o luto
com que a sua volupia de amorosa
verá fugir a seiva do seu fructo.

E, presentindo um caloroso rito
que lhes acorde friezas tumulares,
com todos os seus nervos de granito
vibram na sombra as pedras dos lagares.

Vem do céu, vem da terra, impregna a vida
o profundo e vivissimo clarão
de uma ancestral potencia—renascida
ao fim de uma gloriosa gestação.

E é num deslumbramento entristecido
que eu vejo em torno este explendor tamanho;
tal qual um coração desiludido
olhando o Ideal a que se sente extranho.

Quantos, como eu, que nada são, nem válem,
que a mentira da vida aniquilou,
que vivem a calar, por mais que fálem,
toda a esteril revolta que os tombou,

seriam,—se o seu berço sem conforto
tivesse a palha humilde por lençol,
em vez de manequins de um Sonho morto
almas sem sombra, palpitando ao Sol!

Este torpor que a todos nós oprime
numa vida sem norte e sem encanto,
vem de ser falso o «deus» que nos redime,
e que apontando na ignorancia um crime
te condenou a apodrecer a um canto.

TAÇO

questão prévia

O acontecimento retumbante da semana foi, sem contestação possivel, a comemoração do aniversario da Republica. Retumbante, é precisamente o termo aplicavel, o adjectivo proprio, porque da madrugada de 4 á madrugada de 5 os morteiros não deixaram de atroar os ares de Lisboa, de resto já quasi familiarisada com fogo de artificio ou fogo a valer.

Eu devo confessa-lo, mesmo arrostando o perigo de passar por mau republicano—eu detesto o morteiro. Ainda transijo com o foguete, estrepitoso, alegre, especie de gargalhada estalando no ceu azul, mas o estampido brutal do morteiro enerva-me, arrelia-me e tem o tristissimo condão de me tirar aquela boa disposição de espirito em que, felizmente, me levanto e me deito todos os dias.

Não é só pelo que o culto do morteiro me evoca de misturas de sangue inferior na nossa raça, nem tão pouco só pelo que os estoiros me incomodam que eu detesto essa forma pirotecnica de manifestarmos o nosso regosijo, é ainda e principalmente pelo vasio de significação de tais demonstrações.

Assim como não tolero aqueles sujeitinhos que num jentar de casamento, aniversario ou batisado se levantam, na altura da sobremesa, de taça ou calice em riste, para dizerem: «Faltaria a um dos mais sagrados deveres...», impingindo sempre a mesma oração, assim tambem não admito que o pretexto de fazer anos que se implantou o novo regimen ou de se ter concluido com felicidade um «raid» aereo os morteiros atroem por egual os ares e os ouvidos. Os morteiros, como os discursos dos jantares de anos, são detestaveis como todos os lugares comuns.

* * *

A memoria dos herois, as datas historicas, regosijantes ou fuuebres, tudo entre nós é motivo para se queimar morteiros. Nós estamonos parecendo lamentavelmente com aquele bom bebedor a quem bastava falar ao ouvido em azeitonas para lhe fazer boca para meio litro de tinto.

Naturalmente os leitores conhecem a historia do bebado em questão, que foi um dia convidado a passar uns dias na provincia, em casa dum tio abade, que possuia a mais preciosa adega do concelho, em que avultava pela qualidade e fino aroma um certo palheto em que o nosso homem, logo no primeiro dia, fez grande estrago. O tio padre, para receber condignamente o sobrinho, tinha recomendado á ama um almoço bem adubado e com numerosos pratos excitantes. A' medida que iam aparecendo os petiscos, o bebedor extasiava-se:

—Bacalhau á espanhola? Mas que bom petisco para vinho!...

—Arroz á valenciana? Mas que bom petisco para vinho!...

Reparando o abade no estrago que o sobrinho lhe ia fazendo no palhete, que era excelente mas pouco abundante, começou a dar ordens á ama para preparar refeições menos aperitivas para o vinho: galinha cosida, arroz de manteiga, caldo verde. Mas cada prato, por mais inocente, e nosso homem continuava a extasiar-se:

—Canja de galinha? Que belo petisco para vinho!...

Até que um dia o tio abade teve uma idea, que lhe parecen decisiva:

—Sobrinho, hoje é dia de jejum rigoroso. São ordens da Igreja, tem de cumprir-se. O almosinho hoje é só chá e torradas.

E logo o sobrinho radiante:

—Chá e torradas? Que belo petisco para vinho!...

E foram os tres litros do costume

ECOS

Fósforos

No nosso ultimo numero lamentamos o desaparecimento dos pausinhos suecos, que acendiam os cigarros. E, lamentando o facto, menospresamos os pausinhos nacionaes. Ora, manda a bôa verdade que se diga, que os fosforos nacionaes de agora são em muito superiores aos antigos, e o seu fabrico tem constituido um esforço honesto de portuguezes para o aperfeiçoamento duma industria dificil e que exige conhecimentos tecnicos profundos.

Como procuramos sempre ser justos, ahi fica o arrasoado... e a companhia não o pagou, que é o que tem mais valor!

André Brun, D. José Paulo da Camara e Aprigio Mafra, vêm ahi.

O brilhante escritor humorista e comediografo André Brun, e os jernalistas D. José Paulo da Camara e Aprigio Mafra, dois nomes já consagrados, vão colaborar activamente no *Domingo Ilustrado*. que com o começo da proxima epoca de inverno, o de seus passos cada vez mais seguro já, apesar da sua pouca edade, fará novos progressos e visiveis com lunetas de qualquer côr.

Mocidade!

O sr. Sá Cardaso, que já é entradote em anos, mas que se apresenta sempre coradinho e janota, tem andado nestes ultimos tempos numa roda-viva.

O desenvolto e agitado general parece que tem vinte anos e começa agora a primeira juventude politica. E' um caso curioso de inabalavel saude e de fecundo apetite.

Um mercado seiscentista em Lisboa

Encontrando-se em Marrocos o ilustre pintor sr. Alberto Sousa, que a principio deu a sua colaboração á reconstituição dum mercado do Seculo XVII no Largo de S. Domingos, e que está sendo levado a efeito pelo erudito critico sr. Matos Sequeira, foi solicitada instatamente ao nosso querido director sr. Leitão de Barros, igualmente pintor e conhecedor de Historia da arte, a sua colaboração na referida e dificil tentativa de evoção historica, ao que acedeu, ficando na respectiva comissão das festas.

Ora nós somos bastante parecidos com este sobrinho do abade: tudo para nos é bom petisco e faz boca aos morteiros.

DESCARAMENTO

—Já puz na maleta de V. Ex.ª roupa branca, gravatas, escovas, etc. Quer que ponha lá mais alguma coisa?
—Quero! Põe lá uma nota de quinhentos escudos que orno a dar-t'a quando voltar...

HUMORISMO

crónica alegre

QUINZE DIAS DE DESCANÇO

QUANDO cheguei á estação onde o meu amigo me esperava, temi que ao apear-me da carruagem os ossos me caissem no chão, dada a já pouca resistencia que oferecia a minha pele, agitada por doze horas de comboio. Pousei a maleta na gare e olhei em volta. O meu amigo abria-me os braços a uns tantos metros de distancia:

—Ora até que enfim!—e apertando-me de encontro á barriga, n'um transporte de amizade—Até que te resolves-te! Vais passar aqui oito dias deliciosos! Não calculas! Que calma, que socego! Isto á um paraiso!

Tomámos um trem porque a vila era distante, o sol não perdoava e a vontade ao almoço atingia os derradeiros graus.

—Agora vamos almoçar e depois vae um passeio até á mata! Não calculas, é o ponto de vista mais panoramico de todo o mundo!

Engulimos o almoço n'uma casa de jantar em forma de «garage». O serviço foi demorado porque os creados são poucos e os hospedes comem com apetite devorador, de sorte que entre dois pratos havia o tempo suficiente para ir-nos almoçar a Lisboa. Mas este pequeno óbice tinha a grande vantagem da comida nos chegar fria á mesa, o que evitava a assopradela desagradavel e ainda nos oferecia uma refrescadela muito para gosar sob aquele calor de cincoenta graus á hora. Em volta, velhas frequentadoras das termas, que conheciam aquele hotel ainda ele era menino e faziam uso das aguas desde quando elas ainda não eram bôas.

Havia tambem um bom numero de meninas sortidas e ainda umas tres duzias de creanças muito engraçadas que jogavam as escondidas por debaixo das mesas, davam pontapés nas pessoas que não conheciam, choravam, etc.

Findo o almoço, o meu amigo apontou-me uma ladeira que, pelos meus calculos devia ir desaguar na jaula da ursa maior, e disse sorridente!

—Ora vamos lá até á mata!—Puxando de todo o meu espirito de sacrificio, comecei a trepar a ladeira e, quando me apanhei no topo, tive a impressão que havia dado a volta ao mundo de gatas.

—Olha-me este panorama! Hein?! Nem na Suissa!

Concordei que nem na Suissa e ia a procurar uma vaga sombra onde descançasse as pernas quando, o meu amigo, sem me deixar sentar, obtemperou apontando-me outra ladeira.

—Olha, a mata já se vê ali de cima! Toca a trepar!

Fiz das tripas bicicleta e, para ser agradavel ao meu amigo, meti pés á empresa. Hora e meia depois, já com os joelhos ás altura dos hombros, cheguei ao cimo. O meu amigo mostrou-me uma equimose verde lá ao longe e ilucidou:

—E' ali a mata!—e, sem mais preambulos, meteu por uma descida toda asfaltada e pedregulhos. Segui-o como pode e quando chegámos á tal mata, sentia-me combalido como se tivesse acabado de fazer uma operação ao trepano.

A mata era um enorme vale cheio de arvores e agua fresca. De volta ao Hotel, deitei-me em cima da cama mais morto do que vivo, mas então é que foram elas. Umas moscas muito interessantes, desataram a pregar-me as peugas ás pernas com alfinetes e não houve maneira de estar quieto um minuto.

O meu amigo chama-me para o jantar. Vou, porque parecia mal abonar as minhas razões de homem estafado e, mal acabava-mos de engulir a fruta, o meu amigo segreda:

—Vamos para o Casino!

Tive que montar colarinho de goma e fato azul e entrei no Casino, que é tambem em forma de garage.

Para entrar paga-se e lá dentro o que ha para ver é a auzencia de jogadores de roleta e a abundancia de pés de dezoito anos de edade e setenta centimetros de comprido, que sapateiam o mais aflitivo dos «fox-trots». O meu amigo fala com alguns amigos e eu, para não dar parte de fraco, entretanho-me a sacudir as moscas que, não sei porquê, me fazem lembrar os picadores das corridas á hespanhola.

A's duas da manhã o meu amigo, depois de perder cem mil reis ao «bluff», vem dar comigo á pancada ao sono e ás moscas.

—Vamos para o Hotel!

Agora é que eu me vou regalar! Pois não vou tal! O dono da Caverna mandou vir um grupo de cantantes das proximidades, e temos serenata até ás tantas...

Por fim adormeço ás sete da manhã mas ás oito, já o meu amigo me bate á porta.

—Vá! levanta-te! Já temos os burros á porta!

—Para quê?

—Para ir-mos á Cruz Alta! Está tudo á tua espera!

A' noite quando consigo deitar-me os meus ossos acusam doloridamente a recepção d'uma burricada, especie de viação muito apreciavel para treinos de equilibrio, quedas bruscas e figuras de urso.

* * *

São passados quinze dias. Com esta «cura de repouso» conseguí abater oito kilos, estragar dois fatos, romper tres pares de botas, apanhar cinco infecções com as mordeduras das moscas e encetar um namoro com uma menina escrofulosa.

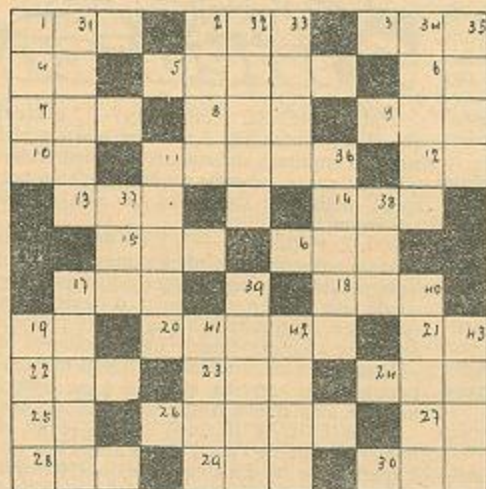
No ceu esteja quem fez o descanso!...

HENRIQUE ROLDÃO

SCIENCIA DOMESTICA

—Que mulher tão docil, a tua! Tem-te medo?
—Não! E' que viu hontem um chapeu que lhe agradou muito!

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

HORIZONTALMENTE

1—Embocadura 2—Firmamento 3—Casa 4—Elemento 5—Fruto 6—Pessima 7—Espaço de tempo 8—Suco doce 9—Medida asiatica 10—Contração da prep. com o artigo 11—Adicionar 12—Amfibio 13—Embarcação 14—Nome de mulher 15—Rio portuguez 16—Anel 17—Oceano 18—Ocasião 19—Isolado 20—Colar 21—Nome do ultimo mes do verão entre os sirios 22—Prefixo designativo do ar 23—Tres letras da palavra «Eira» 24—Utilise 25—Duas letras da Palavra «Idade» 26—Especie de linho 27—Seguir 28—Batraquios 29—Reso 30 Veste.

VERTICALMENTE

1—Feiticeira 2—Alto 4—Irmã de Arthemisa 6—Habita 11—Transpirara 14—Armadilha 17—Escudo 19—Passar de dentro para fora 31—Constelação Austral 32—Tumor 33—Ourela 34—Fruto da Silva 35—Medida antiga 36—Moer a paciencia 37—Irmã de Arthemisa 38—Fruto da Nogueira 39—Transferir 40—Ilha de verdura no meio do deserto da Asia 41—Cascalho de pedra 42—Inferno 43—Falso.

Soluções do ultimo numero

HORIZONTALMENTE

1—Mi 2—As 3—Si 4—Al 5—Aso 6—Re 7—Edema 8—Mi 9—Ica 10—Ira 11—Bes 12—Aorta 13—Seara 14—Nau 15—R R C. 16—Gorar 17—Sacar 18—Ema 19 — Ida 20 — Ode 21 Mó 22—Apara 23—O. M. 24—Ara 25—Rã 26—As 27—Ré 28— Ar.

VERTICALMENTE

1—Maria 3—Somas 5—Adia 6—Ria 8—Mercado 10—Ia 11—Barco 16—Gemer 17—Sarar 29—Sádia 30—Luiza 31—Ser 32—Economo 33—Arara 34—Tua 35—Era 36—Ripas 37—Remar 38—Dar.

ATLETISMO

As partidas nas provas de velocidade

SUA INTERPRETAÇÃO

Na presente epoca em França, numerosos foram os atletas que conseguiram percorrer os cem metros em menos de onze segundos. No entanto, em provas de responsabilidade, como na França, Inglaterra, França-Suecia, etc. estas perfomances não foram confirmadas pelos seus executantes com excepção de André Mourlon, que é, em absoluto, um sprinter de classe.

O caso surprehendeu em parte os criticos e tecnicos daquele paiz, alguns dos quaes, em artigos muito burilados e complexos procuraram defenir as causas primordiaes de semelhantes variantes de forma. No entanto, apenas o conhecido starter M. Bandeville soube pôr a mão na ferida, provando á evidencia, que o mal reside unicamente nas «partidas». E assim tendo empunhado a pistola nas duas ultimas reuniões atleticas realisadas na capital franceza, os resultados foram uma lastima. Provas houve, em que o numero de falsas partidas, ultrapassou a desena.

Na opinião de Bandeville tedas as más interpretações actuaes são baseadas na tradução incorrecta da 2.ª voz dos juizes de partida inglezes e americanos «Set», que substituiu o termo «Get Ready» (estão promptos).

A palavra «promptos» que figura no manual da Federação Internacional, desde o seu congresso de 1911 tem um sentido tão lacto, que permite a numerosos starters do continente (cuja tecnica é baseada unicamente sobre a leitura deste artigo) admitir que é sufficiente dar o tiro, quando d'uma maneira geral, os corredores estão preparados. Assim, a partida é considerada boa, qualquer que seja a posição do atleta no seu movimento da extensão.

Pelo contrario a palavra «set» (3.º congresso 1914), não póde ter nenhuma falsa interpretação; esta significa, que todos os homens devem extar imoveis, isto é, dêvem ter findado o seu movimento de extensão.

Os regulamentos inglez e americano são pouco explicilos a este respeito, mas como ambos os paises teem numerosos e excelentes starters profissionaes que procuram á outrance manter a boa tradição no atletismo, o problema é pelos mesmos posto em equação, sob o seu melhor aspecto. Assim corredores inglezes e americanos possuem todos a mesma tecnica de partida, o que facilita sempre a acção do starter. Os tecnicos inglezes e americanos não discutem a significação do termo «Ready» porque uma longa pratica lhes deu, a sua verdadeira significação. Nós porem, os continentaes, ha muito que erramos n'este sentido, cuja comprovação são os tempos excelentes obtidos quasi diariamente por sprinters europeus e não temos coragem de o reconhecer, pondo de parte qualquer amor proprio e indo procurar os bons principios.

Quanto ao famoso regulamento que exige uma demora, pelo menos de dois segundos, entre o comando «estão promptos» e o tiro, é de justiça constatar, que a sua aplicação veio favorecer a boa tecnica, terminando com outra interpretação, bem conhecida pelo nome de «partida com balanço».

E' de justiça admitir que as falsas partidas se são enervantes para os concorrentes, não são menos desagradaveis para os starters.

Bandeville lamenta, que as numerosas e fantasistas partidas, que periodicamente permitem a realisação de 10 s. 3/5 no velho continente arruinanao a boa tecnica da velocidade pura, não tenham sido suficientes, para crear uma escola de bons juizes de partidas nos paises em que a pratica de sports atleticos teem um incremento notavel, como a França, Suecia, Finlandia e Alemanha.

As falsas partidas, assim como as falsas tentativas não devem existir entre sprinters de boa escola e possuindo nma noção exacta da sciencia de bem partir.

Assim, o dr. Moir, conhecido starter inglez, levou perto de trez horas a lançar os atletas que formavam as 18 series da prova «100 metros» nos ultimos jogos olympicos de Paris. No entanto, a final que reunia 6 azes de atletismo, não teve uma unica falsa partida.

O exemplo é frisante e eloquente, Entre nós, não ha juizes de partida competentes e todas as provas de velocidade, são caracterisadas por saidas antes de tempo e por atletas que não contavam com o sinal defenitivo. Isto é, ha uma absoluta falta de concordancia e só por acaso, atletas e starter poderão realisar uma boa saida.

O I PORTUGAL-HESPANHA

A Real Federação Hespanhola de Atletismo tomou a iniciativa da realisação d'um concurso atletico, entre as duas nações da peninsula, para disputa d'um «Trofeu Ibirico».

Ainda que as negociações entre as federações portuguesa e hespanhola não tenham atingido uma formula definitiva, alguns topicos estão já fixados e é licito admitir que o I Portugal-Hespanha em sports atleticos se realisará a 24 e 25 do corrente em Madrid.

Tendo em consideração que no ano proximo a deslocação da equipe hespanhola será a expensas da Federação Portuguesa (que infelizmente não possue um centavo em caixa), as provas adoptadas foram apenas oito e não instaveis durante a disputa do «Trofeu» que ficará definitivamente na posse da Federação que o ganhar em dois anos seguidos ou alternados.

A classificacão possivelmente será feita por 3,2,1 nas provas individuaes e por 2,0 nas estafetas.

Cada nação apresentará o maximo de dois representantes em cada prova, com excepção da estafeta, em que vão apenas duas equipes em confronto.

A Real Federação Hespanhola limitou a nossa equipe a 15 elementos, factor que influiu egualmente no numero de provas escolhidas, que por proposta da nossa Federação são as seguintes: 100 metros, 400 metros, 800 metros, 5000 metros, 110 metros barreiras, estafetas 4x100, lançamento do peso e saltos em comprimento com corrida.

Os concorrentes portugueses são sugeitos a rigorosas provas de seleção, de forma a não haver o minimo favoritismo, formando-se assim a equipe com o que de melhor possuimos na presente ocasião. Se tivermos em consideração a media dos resultados obtidos nas provas realisadas esta epoca, assim como as possibilidades atleticas dos nossos amadores, quando devidamente treinados, a seleção porguesa, terá sensivelmente a seguinte formação:

«100 metros»—Gentil dos Santos, Guerreiro Nuno ou Karel Pott.

«400 metros»—Gentil dos Santos e Abilio do Nascimento.

«800 metros»—Abilio do Nascimento e C. Dias.

«5000 metros»—João Marques Graça e José Maria Marques.

«110 metros» (barreiras)—Honorio Costa, A. Rocha ou Karel Pott.

«Peso»—Antonio Cardoso e Pires de Castro.

«Saltos em comprimento»—Apio d'Almeida e Karel Pott.

4x000 estafetas»—Gentil dos Santos, Guerreiro Nuno, Karel Pott e Honorio Costa.

A relação que apresentámos e que não tem o minimo cunho oficial, é possivel que sofra numerosas alterações, pois como já afirmámos a equipe portuguesa será formada após rigorosas provas de seleção.

C. LEAL

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

CORRESPONDENTES

Pedimos encarecidamente que reduzam ao minimo as suas correspondencias afim de todas caberem no pouco espaço de que dispomos e que se não melindrem pelas faltas de inserção involuntarias.

TORRES NOVAS, 5.—Hontem e hoje realisaram-se dois desafios de foot-ball o primeiro nesta vila entre o União Foot-Ball Club e o P. A. Militar do Entroncamento (2.as categorias) e 1.as do União que foi bem arbitrado pela nova lei.

Perdeu o G. A. M. por 2-0 depois do dominio do União.

O segundo desafio foi hoje no Entroncamento para disputa duma Taça entre as 1.as do P. A. M. e União Foot-ball Club.

O P. A. M. apresentou-se reforçado com elementos de fóra como seja o avançado-centro que pertencia aos Operarios e outros.

O União apresentou a jogar por ele Carlos Barril (Marreta) um bom jogador mas que á dois meses tem corrido todos os grupos daqui como seja o Sporting, Torres Novas e agora União de quem ele fazia as piores referencias possiveis.

Findo o primeiro desafio parece ter havido um copo de agua segundo contaram...

O resultado foi 2-0 a favor do P. A. M.:—C.

VIZEU.—Deslocou-se, no passado Domingo, a Agueda, o Sporting Club de Vizeu, que ali foi jogor com o Agueda Sporte Club.

Venceu s «onze» visiense pelo «score» de 1-0.—C.

CALDAS DA RAINHA.—A equipe do Sport Lisboa e Caldas ficou detentóra da «Taça Hospital de Santo Isodoro» disputada em regatas efectuados no Largo do Parque nos dias 20 e 28 de Setembro e a que concorreram quasi todos os clebs sportivos d'esta terra.

A prova—uma volta e um só remadôr—foi ganha por Alberto Lopes do Sporting.—C.

PORTO.—Não foi feliz o Casa-Pia na visita que ultimamente fez ao Porto. Nos dois matchs que efetuou duas pesadas derrotas sofreu, ainda que, pelo menos num encontro, o resultado não correspondesse ao jogo desenvolvido. De facto, no primeiro, desafio, com o Salguiro, —desafio que não teve de interessante senão umas fugidias vagas de entusiasmo—,o grupo de Lisboa, assim como perdeu por 3-0, da mesma forma poderia ter ganho. Contra o campeão de Portugal, o Casa-Pia foi manifestamente inferior, perdendo por 6-1.—C.

TORTOZENDO.—Perante numerosa assistencia, realisou-se no Fundão, um encontro de foot-ball entre o Sport Lisboa e Tortozendo e o Grupo Desportivo Fundan nse que, por meio de subscrição publica, se achava reforçado com alhuns elementos de 1.ª categoria de dois clubs de Lisboa e que ali foram expressamente para aquele fim.

Do encontro, jogado pelo Fundanense com insolita violencia e manifesta deslealdade, saiu este vencedor por um escasso 4-3, apesar do valioso reforço.—C.

ALCACER DO SAL.—Em encontro de foot-ball e para treino perfeitamente amigavel das 2 equipes, defrontaram-se hoje os «Onzes» do Gloria ou Norte e Desportivo «Alcacer».

O resultado foi de 1-0 a favor do ultimo o que não explica o decorrer do encontro por isso que um empate teria sido um resultado mais logico. Ambos os grupos jogaram pessimamente mas com uma correcção que ha muito tempo se não observa nesta terra.—C.

FIGUEIRA DA FOQ.—Resultado das provas organisadas pela Associação Naval 1.º de Maio.

«Natação 100 metros»—José d'Almeida Lopes, ganha a «Taça Encarnação»:

«Natação 1 milha»—Tobias de Lemos, do Beira-Mar de Aveiro, ganga taça Antonio Monteiro.

«Remo»—O Ginasio Club Figueirense vence a Associação Naval 1.º de Maio, em outrigers de 4 remos.—C.

VIMARANENSE (Guimarães)—E' evidente que o seu unico mal e tambem o seu grande mal, é a impureza do sangue. E' indispensavel que V. Ex.ª se submeta a um tratamento mercurial methodico (injecções de «Oxycianol», por exemplo).

R. I. Z. P. (Lisboa)—V. Ex.ª devia ter seguido o conselho do medico a quem consultou. Tem perdido o tempo e estragado o estomago desde que começou a tomar o remedio que cita. Alem do tratamento que lhe foi indicado, seria conveniente tomar umas colheres de «Hematyl». Uns dois frascos serão bastantes para levar de vencida essa sua tosse impertinente, e, alem d'isso, far-lhe-hão voltar as forças.

MADRESILVA (Lisboa)—Aplica-se ao tão falado Xarope de Famel o que acima fica dito. Experimente V. Ex.ª tambem, o «Hematyl».

Para as lavagens de que fala, aconselho V. Ex.ª a fazer uso de «Gynol» que é um poderoso desinfectante. E' indispensavel na toilete das senhoras.

UM DOENTE CHRONICO (Lisboa)—1.º O emprego do ferro nas anemias graves é altamente recomendado. Faz cessar o processo de desglobilisação como favorece ás hematias as substancias de que carecem para se tornarem resistentes.

2.º—E' preciso que o ferro se encontre vitalisado, e, consequentemente, nem todos os preparados de ferro servem.

3.º—Passe a usar «Nucleocalcina Ferruginosa» em comprimidos. N'este preparado, encontrará V. Ex.ª um sal de ferro precioso para o seu estado.

4.º—Convém não desanimar. Não é caso para isso. Alimente-se bem, dê os seus passeios por estas mauhãs de sol, sem se cançar, bons ares e tranquilidade de espirito.

GRILO (Thomar)—1.º—Para a bronchite, receito-lhe o «Serum Guilherme Ennes». Tres colheres por dia, em agua com assucar, meia hora antes das refeições.

2.º—Devem ser perturbações nervosas, as palpitações que sente. Não se inquiete por isso.

3.º—Os suppositorios «Mercurol» devem dar-lhe o resultado preciso. Aconselho-o de preferencia ás injecções de benzoato de mercurio.

4.º—Ambos os medicamentos, poderá pedilos á Farmacia Formosinho (Praça dos Restauradores) Lisboa, que se encarrega de lh'os mandar.

Agradecido pelo escudo que mandou para os pobres da revista.

UM NEURASTENICO DESILUDIDO (Coimbra)—1.º—Esse seu vicio corrige-se com força de vontade. Desaparecerá desde que assim o queira e se habitue á pratica do que lhe é por ora indiferente. 2.º—Use «Mento-Rhinol» que na Farmacia acima citada, encontrará. Faça lavagens ás fossas nasaes, todas as manhãs, com agua salgada. 3.º—O seu caso, é de anemia profunda. Tome 2 hostias de «Nucleocalcina» ao almoço e ao jantar. E 2 colheres de sopa de «Nutricina» ao lunch e ao pequeno almoço da manhã.

ROMEU SEM JULIETA (Lisboa)—Agradecido pelo Esc. 1 para os pobres.

1.º—Só dão resultado ao principio da doença, as vaccinas de que fala.

2.º—Tome 3 hostias por dia, de Salol e Urotropina, meia hora antes das refeições.

Compre uma injecção alemã que se vende na Farmacia Formosinho.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

TEATROS

o momento teatral

á sucapa...

A nossa pagina

Alguns actores e algumas atrizes teem querido ver na forma como fazemos a nossa pagina teatral, a intenção criminosa de «achincalhar» o teatro portuguez e assim, temos recebido cartas com descomposturas mais ou menos interessantes. Por outro lado, sabemos que pelos cafés, se traçam planos de ataque ao nosso jornal e que ainda, na já tradicional má lingua da gente de teatro, se comenta com afirmacões idiotas, a nossa maneira de tratar o teatro.

Alguns paladinos já pensaram mesmo em estabelecer polemicos comnosco, (esquecendo-se de que reclamos só os fazemos pagos,) na estulta pretenção de defender a classe do que já se alcunhou de «ataques de chuchadeira».

Ora nós, não pretendemos atacar ninguem. Por mais de uma vez o temos escrito. O que que aqui fazemos, não pode nem deve ser tomado á conta de mais do que simples «blague», inofensiva. De modo algum, temos a pretenção de ferir seja quem seja.

No dia em que quizessemos ferir, tinha-mos a hombridade e a nobreza bastantes, para o fazermos frente a frente, chancelando a a nossa assinatura, predicado que tem faltado a todos os que teem perdido tempo a escrever-nos e se teem escondido n'um anonimato cobarde.

Carpinteiro-actor e Actor-carpinteiro

Entre os actores desempregados, lavrou ha dias grande indignação por haver noticia de que uma «tournée» em organisação, para percorrer a provincia, leva um mestre de carpinteiros que tambem vai como actor.

Falou-se em actos violentos, em representações á Inspecção Geral dos Teatros, aventou-se o ideia de por qualquer meio, evitar que a proeza seguisse avante mas a breve trecho, tudo se calou. E' que, n'uma outra «tourneé» já em exploração na provincia, tinha ido um actor que tambem fazia de mestre de carpinteiro!

E como a classe não protestou n'este caso, mal lhe ficaria fazer zaragata sobre este que apenas se limitava a inverter a ordem dos factores que, é sabido, é, inteiramente arbitraria...

E ainda ha actores que falam na dignificação da classe e no celebre Sindicato que teve a feliz ventura de falecer antes de nascido...

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

Carminda Pereira

Uma actriz de largo futuro, no dizer da critica que a viu em varios papeis da revista «Rataplan», em scena no Maria Vitoria.

Uma actriz a valer, dizemos nós, que a fomos vêr e que tivemos o prazer de vêr nela, quasi tudo quanto falta aos grandes nomes que por ai andam tubados em astros de primeira grandeza.

Carminda Pereira, tem intuição, sente a arte de representar, dá-lhe toda a energia e vida dos seus poucos anos e é, exatamente uma actriz.

Oxalá os maus exemplos, não façam dela uma «estrela».

á sucapa...

Actores Actrizes e artistas

Aos nossos redactores teem por vezes chegado noticias da classe teatral extranhar que nunca, nos artigos, ecos e cronicas da nossa pagina se empreguem as palavras artistas «dramaticos e sempre actores e actrizes».

A explicação é facil: Actores e actrizes tem em barda o teatro portugue artistas poucos se arranjam... querem melhor explicação...

PORQUE É QUE "TREMIDINHO" NÃO É AUTOR DRAMATICO

Tenho recebido varios pedidos para que me pronuncie sobre o que tenciono fazer para a proxima epoca teatral.

A arte dramatica portuguesa esta decadente. Ao passo que no estrangeiro os grandes autores constantemente deliciam as plateias com obras de genio, em Portugal a briosa classe dos dramaturgos, tem adormecido pachorrentamente, negando á cubiça do espectador, o fruto ridente da grande produção.

Em que se perdem os autores portugueses? Em comedias, esse teatro inferior, de baixa condição, de mesquinha factura e palido interesse teatral.

E no entanto o nosso publico espera avidamente uma obra de genio, de verdadeira arte dramatica, um drama intenso da «Terra», conflito de almas em loucura, «teatro de sombras», de «grandes silencios».

Sabendo isso, e tendo em conta a alta critica, tão digna de um prato soculento, tentei fazer uma peça.

Estive porem indeciso entre os temas a tratar.

Pensei fazer uma peça de «Tése» em que duas almas se agitam, numa torrencial vibração de luta, drama «Estatico» de grandes emoções, em que o simbolo fôsse a «Razão Dinamitica» dum conflito de temperamentos opostos, colocados em eterna luta de «Sentimentalidade» e «Instinto Carnal».

Mas puz a ideia de lado porque me pareceu pequena demais para a nossa numerosissima classe intelectual.

Tentou me depois o drama historico. Busquei no reinado de D. João VI a epoca ideal para o trabalho. Seria um drama em verso absolutamente alexandrino, em que a ideia da «Honra» e do «Amor» da «Patria» estaria constantemente ao lado das grandes «Construções Navais» e da «Fundição de Canhões». Uma grande epopea de desinteresse e monologos com palavrão final obrigatorio, um «Hino» a Portugal, emfim, com os finais dos actos em frase bombastica, gestos ao alto, pavôr na fignração e pano descendo lentamente.

Mas topei com um enorme obice. Na epoca escolhida já não existiam bobos na côrte e essa figura era-me absolutamente necessaria para dar gargalhadas que acabam em chôro, dizer filosofias e apaixonar-se definitivamente pela ingenua.

Desisti pois do segundo tema e mergulhei a minha sensibilidade no teatro regional.

Seria o mais facil e aquele de agrado garantido. Com duas ou tres palestras com a critica ficaria com os jornais aptos para dizerem muitissimo bem da minha produção, e apenas com essa peça passaria á classe de dramaturgo.

Escolhi a região. O Minho com o padres que falam
tudo, e são muito bons v

Depois tinha ainda o fidalgote que é danado para fazer pouco das raparigas, a velha que tem um coração de ouro, a menina que é um anjo de pureza e uma velha bruxa que ri nos finais dos actos até baixar o pano.

Mas eu simpatisava mais com a região algarvia que só conhecia do horario do Caminho de Ferro. Decedi-me pois pelo Sul.

Seria um drama, é claro, mas um drama todo de «Intensões», um drama de «Brutalidade» e «Vergonha de Odios» e fatos á moda da região. A vida agreste e «Intima» dos «Corações Selvagens», viria para o palco na nudez cruel duma noite de luar, cara a cara com o sentimentalismo da «Raça», numa pressão morbida de instintos da «Terra»!

Mas tambem topei com um grave escolho: A pronuncia do Algarve, impossivel de trazer para o teatro porque só se consegue á fôrça de comer figos e alfarroba.

Em vista pois dos tres problemas insoluveis, tornei a guardar o caderno de pepel almaço, tapei o tinteiro, e metime a critico teatral, profissão muito mais distinta e de mnito mais apreço entre os emprezarios e artistas dramaticos.

S. Carlos	S. Luiz	Salão Foz	Avenida	Politeama	Eden	Nacional	Apolo
Fechado temporariamente.	Brevemente: Companhia Laura Costa e Almeida Cruz.	As maiores atrações de Cinema.	Brevemente. «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.	Enchentes com o «Leão da Estrela» da Parceria, com Chaby.	Brevemente a revista «No Paiz do Turismo».	Fechado temporariamente.	O «Saltimbanco» pela companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha.

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A Historia de Alguem que existe

Tres personagens arrancadas á falsa vida de Lisboa. Leitor! Adivinha quem são!

—HOMEM, isto de tragedias, cada um tem a sua!—e o Jorge sacudiu pachorrentamente o cigarro no bordo do cinzeiro nikelado—O segredo dos novelistas está em procurar um entrecho que esteja em todos os leitores! Por exemplo, uma historieta deve meter sempre um homem enganado! Tem exito absoluto!

—Sim — respondi — Todos os homens já foram enganados!

—D'ahi o sentirem-se dentro do remance e darem á personagem um pouco de si proprios!

—No entanto, deves convir que ha historias unicas! São talvez as que menos parecem verdadeiras...

—Se ha! Olha, conheces tu aquele velhote que lá dentro paga á banca franceza?

—Não!

—Pois tem uma historia!

* * *

Parece haver qualquer relação entre a batota e a fidalguia.

Todos os clubs de Lisboa estão installados em casas de nobre, os mais acerrimos jogadores teem nome de costela ilustre e quasi todos os empregados das casas de jogo, são fidalgos!

... Aquele homem que paga lá dentro á banca franceza ...

* * *

Quando Antonio Afonso Lima de Sandomil veio para Lisboa, as suas propriedades do Alemtejo valiam uns oitocentos contos bem contados.

Antonio que vivera sempre na provincia, entre os cuidados da tia Maria Prazeres e os sorrisos amorosos da sua prima, por Leivos, Maria da Luz, herdara no sangue a galhardia dos seus avós e assim, mal pisou alguns salões doirados da aristocracia de Lisboa, foi o menino bonito da «elite», o querido das fidalgas casadoiras e o invejado de quantos filhos varões estadiavam o sangue avesso e as tendencias morbidas pelas reuniões da gente da alta.

Sem o ar fadista e toureiro dos nobres da provincia, nem a insonsa filaucia dos fidalgos da cidade, Antonio era o autentico tipo de sangue azul, desempenado, firme, correto na sua elegancia fria de macho, com gestos de homem educado, palavra atrahente e forte, perfil corretissimo de raça eleita.

Foi em casa dos condes de São Jorge que Antonio conheceu a Marqueza de...

Ela era casada com o velho senhor de Andragil, um devasso de má morte, sem moral nem preconceitos, que apregoava aos quatro ventos as proesas duvidosas dos avós e entrava altas horas em casa, nos braços fortes d'um creado, perdido de bebado.

Dizia-se que não era extranho ás leviandades da mulher, e que mesmo tirava partido d'isso, afim de poder estadiar um luxo desmedido. Contava-se até, que certa noite, o Marquez já embriagado dissera bem alto no «Club dos Makavencos» que a Marqueza podia fazer com vantagem bonita figura entre aquelas mulheres de vida airada que por ali iam a troco de uma ceia prestarem-se aos maiores caprichos imoraes d'aquela fina flôr da nobreza.

* * *

Antonio andava louco com a marqueza de... Já para ninguem era segredo aqueles amores e, uma grande maioria de mulheres da sociedade elegante, invejava aquela ligação e comentava:

—A Marqueza é velha! Quando foi do caso com aquele toureiro hespanhol que veio ao Campo Pequeno, tinha ela já trinta e dois anos!

—E o Antonio tem apenas vinte e oito!

—Não sei como aquilo foi...

—Pois é facil de calcular! O Marquez está sem dinheiro, o Antonio é rico...

—Mas como se agradou ele d'aquela mulher, que todos os actores e toureiros conhecem intimamente! Uma mulher que tem sido de...

—Esperteza de saloio! Sim porque no fundo o Antonio não passa d'um provinciano!

—Sim! Lá isso! Faz tanta diferença dos rapazes de Lisboa... para melhor!...

—Mas é que está louco por ela!

—Disseram-me no Leitão que ha oito dias comprou ele um colar de vinte e sete contos...

—Para ela?

—Não sei! O que lhes posso dizer é que a Marqueza deslumbrou toda a gente nas corridas de Cascaes com as magnificas perolas que levava!

—E o Marquez perdeu hontem nos «Patos» dezoito contos!

* * *

Antonio abriu febrilmente o envelope do administrador e leu:

Senhor D. Antonio

Seguindo as instruções de V. Ex.ª vendi ao Ex.mo Senhor Luiz Simões a propriedade de «Vale d'Agua». A quantia da venda, contos quarenta e cinco, remeti-a para V. Ex.ª pela casa Borges & Irmão. Cumpre-me participar a V. Exª que com esta venda fica V. Ex.ª sem qualquer propriedade, pois a hypoteca do solar está perdida.

De V. Ex.ª
Att.º Emp.do e Creado
Anastacio Lopes da Silva

Rapidamente, Antonio, tomou o chapeu e a bengala e desceu a escada. Dirigiu-se á Praça Luiz de Camões e, tomando um trem, gritou para o cocheiro:

—Leva-me ao Borges & Irmão!

* * *

—Devo falar-te com toda a sinceridade: Todo o meu dinheiro são trinta contos! Estou reduzido á miseria!

—Não exageres Antonio! E as tuas propriedades?...

—Estão... estão vendidas...

—Mas como...

—Não me preguntes nada! Como gastei eu tudo isto! Sei lá!

—Mas... tudo tem remedio! Eu sei que fizeste grandes despezas comigo...

—Ora...

—Sim, sim. Depois o nosso administrador ainda não vendeu as colheitas d'este ano, de maneira que os duzentos contos que meu marido te pediu emprestados...

—E o que mais me rala é que não sei fazer nada!

—Quê? Tu pensas em trabalhar Antonio?!

—Pois que hei-de fazer?! Tenho um nome ilustre... mas estou arruinado!

—Tu! Um fidalgo de raça, a ganhar a vida como qualquer operario!...

—Pois como heide viver com isto que me resta?!...

—Olha... tens um recurso...

—Qual?...

—Espera, não sei como dizer-te...

—Mas...

—Sem rodeios... jóga!

—Jogar!? Eu?!

—Porque não!? Que julgas tu?! Que todo esse luxo que vês por ahi provem d'algum manancial honesto?! Deixa-te de purismos! Sê um homem do teu tempo!

—Mas...

—Meu marido, o proprio Marquez, muitas vezes tem acudido aos desastres da nossa casa com...

—Mas é possivel?!...

—E's um ingenuo! E se queres que te diga toda a verdade...

—Jogar? Eu?

—Conheço uma maneira de se ganhar sempre, de se ganhar muito! Não digo que seja lá muito honesta mas, que remedio...

—Uma trapaça?

—Não lhe chames nomes feios. E' uma maneira habil...

—Mas se dão por isso...

—Não te preocupes!... Já viste algum fidalgo ser preso por fazer batota ao jogo? No fundo, apesar de todas as liberdades e bolchevismos, teem-nos um certo respeito... Chamar-te-hão á parte, dir-te-hão para não frequentares mais aquele Club... nada mais...

... corretissimo perfil de raça ...

* * *

Nos primeiros tempos, Antonio acreditou que podia facilmente recompôr a sua fortuna. A trapaça que a Marqueza de... lhe tinha ensinado, era habil. Tres cartas escondidas na manga do casaco...

Mas uma noite alguem viu e Antonio foi apontado, insultado, posto fóra como um ladrão.

A Marqueza que o esperava, quando Antonio lhe contou a sua vergonha, olhou-o de soslaio, e com um sorriso ironico gritou-lhe:

—Desastrado! Estupido!...

* * *

—E' aquele pagador da banca franceza! Meteu-se a profissional quando perdeu os ultimos cem mil reis...

—E a Marqueza de...—perguntei.

—Logo que ele ficou com as portas dos clubs fechadas como jogador... começou a frequentar assiduamente a loja do Silveira, florista, do Chiado...

—E o marido? o Marquez?

—Ah! Esse vem por cá de quando em quando pedir uns mil reis emprestados ao Antonio...

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

O misterioso chinez do Bristol Club

Admiravel pagina onde passa a figura extranha do «Chinês» do Bristol, atravez o seu grande drama de amor e de tortura. Uma portugueza que amou um heroe da guerra da China.

CONHECI, meu amigo, um chinês simpatico durante toda a minha vida. Creio mesmo que esse chinês era diferente dos outros seus conterrâneos. Você já foi á china? Não foi, é pena... Mas já esteve em Paris, onde se encontram, como nas lojas bem providas, amostras de todas as raças. Ha mais de cinco mil chinos na capital francesa —e não ha um unico simpatico. Parece que o velho Celeste Imperio só envia pera a Europa o pior do que lá tem em casa.

O Shiam-lo-Fiu era diferente. A face escura, mais bronzeada do que amarela, os olhos negros e obliquos, o cabelo preto e escorrido como a crina dum cavalo e os labios sorridentes, dum sorriso doce e constante. Era alto e espaduado—cousa rara nos chineses quasi sempre enfezados e de aspecto doentio.

Hospedara-se no Palace—e deambulava no labirinto de Lisboa. Onde ele era certo todas as noutes, a uma mesa discreta, fumando voluptuosamente cigarrilhas orientaes e seguindo de olhar ávido as raparigas que lhe lembravam decerto, pelo matizado dos vestidos e pela leveza das gazes transparentes, as policromas mariposas da sua terra—onde êle se encontrava inevitavelmente todas as noites era no Bristol.

Você viu-o por lá algumas vezes, não é verdade?

Ao principio a sua fisinomia, a sua presença silenciosa atraia as atenções. Algumas frequentadoras curiosas aproximavam-se dele, e, ele quasi sem um movimento, quedo como um sapo que vê cair perto a presa seduzida pela fascinação do seu olhar, acolhia-as com o sorriso terno e murmurava docemente, no seu português de bébé:

—Minina, minina fumar «cigarrett»?

—A' Prazeres que é das ilhas e leva nos olhos uma chama de volupia, disse-lhe ele uma noite:

—Minina tem o seu nome no olhar...

A Arminda, pequenina, minuscula, endiabrada, foi por ele classificada de «minino di escola»; a uma outra que saltita dansando, entre as mesas cha mou-lhe o «Pardalinho maluco».

Depressa Shiam-lo-Fiu se popularisou no Bristol—era um ornamento indispensavel do elegante club. Mas quem era aquele chinês? De onde vinha? Que fazia? Para onde iria? Nas suas atitudes, no seu reduzido vocabulario português era impossivel descobrir-se o menor indício da sua vida. Era um dos inumeros frequentadores do Bristol Club; um dos muitos estrangeiros que aparecem durante duas, três noites e que de subito desaparecem, levados pela redução das viagens, pela vertigem de outras capitais, pela atração dos «cabarets» cosmopolitas que cobrem já o mundo inteiro.

Shiam-lo-Fiu era para nós o chinês do Club—espécie de grande mascote moderna para encanto das mulheres e divertimento dos homens.

Um dia, acompanhado duma carta de recomendação dum amigo meu que reside em Paris, recebi em minha casa a visita de um advogado grego, Papamoscardus, que tencionava embarcar para o Brasil a tentar uma grande empreza. Era um tipo curioso, simpatico, de fino trato, elegante, duma elegancia sobria e distinta. Breve a amisade nos ligou espiritualmente, tornando-nos durante os curtos dias da sua permanencia em Lisboa companheiros imseparaveis. Papamoscardus viajara muito pelo Oriente. Atravessara a Siberia, conhecia a Mandchuria, vivera em Pekim, saboreara em noites de mistério e de volupia o amor exotico nos bairros suspeitos de Xangai. Conhecia a vida e os homens. Andava no segrêdo das intrigas internacionais e privara de perto com alguns dos politicos mais poderosos que manejam na sombra os complicados problemas do Oriente.

Obrigado a guiá-lo em Lisboa e sabedor dos seus habitos cosmopolitas levei-o uma noite, para êle ter a ilusão de que ainda não abandonara a Europa, ao Bristol Club.

Estava cheio o salão de baile. O Oliveira, violinista-acrobata, não descançava um momento, sempre alegre, fazendo rir o violino nos «fox-trots» nervosos e nos maxixes delirantes. Os corpos dos dansarinos agitavam-se quasi epileticamente. Pelas mesas conversava-se de alto; os risos das mulheres subiam acima das notas da orquestra. Mademoiselle Terezette de cabelo cortado á bébé, ocultava nas suas gargalhadas o ciume por uma amiga que outra lhe roubara...

Eu e o grego não tínhamos lugar. Estivemos algum tempo de pé, observando os que dansavam.

Mas de subito lobriguei uma mesa quasi vasia—era a do chinês. Independente, silencioso, sorria perante as suas taças de champanhe espunhoso e fumava os seus «Abdulas» perfumados. Aproximamo-nos, a custo, abrindo caminho entre a multidão de frequentadores.

Pedi a Shiam-lo-Fiu licença para sentar-me á sua mesa. Ele olhou-me silencioso. Mas de repente duas exclamações de alegria soaram na sala. O grego e o chino precipitaram-se num fraternal e apertado abraço. E logo nos acomodamos os três, como velhos amigos, que tivessem nascido na mesma aldeia. Os dois estrangeiros enfronharam-se numa animada conversa da qual não entendi senão uma ou outra palavra, como Paris, Xangai, Macau ou Hong-Kong. Tinha a impressão de que haviam sido companheiros de aventura atravez do mundo.

Estava deitada com um punhal cravado no peito...

Num momento propicio interroguei o grego:

—Quem é?

—Um general chinês.

Não tive tempo para saber mais nada. A conversa proseguiu durante algum tempo ainda. O grego limitou-se depois a apresentar-mo:

—Monsieur Shiam-lo-Fiu.

—Enchanté...

—Você veiu da China?—preguntei.

--Não, venho de Paris.

—Ah!

E a conversação tombou num assunto banal—as mulheres.

No dia seguinte interroguei Papamoscardus. Sim, Shiam-lo-Fiu é realmente um general republicano da agitada China. Entrou em muitas das guerras civis que nos ultimos anos teem convulsionado aquele país. Agora depois de ter percorrido a Europa refugiou-se em Portugal, onde talvez passe o resto dos seus dias.

Como vês, meu caro, o chinês do Bristol cada vez me despertava mais a atenção. Porque não escolheu ele, de preferencia, para residir, qualquer outra capital europeia muito mais interessante e atraente do que Lisboa?

Shiam-lo-Fiu era um extranho oriental...

O grego explicou-me. O general Shiam-lo-Fiu teve uma paixão. Uma mulher linda de olhos negros, de face morena e labios tentadores fê-lo perder a carreira. Uma tarde, numa daquelas lutas da politica chineza, Shiam-lo-Fiu entrou triunfante numa velha cidade china que o acolheu com alegria delirante. O povo festejou com cortejos e galas a chegada do libertador. A multidão, numa parada celebre, levou-o em triunfo. As mulheres arremessaram-lhe flores das suas janelas. As familias mais gradas da cidade abriram os seus salões para receber gentilmente, em «soirées» luxuosas e entusiasticas, o simpatido general chinês. Foi numa dessas «soirées» que encontrou essa mulher, para ele, chinês, tão estranha, tão bizarra. Era uma portuguesa que casara em Macau com um rico mercador oriental e vivia naquela cidade na pompa e na grandeza dos seus milhões.

(CONCLUE NA PAGINA 9)

PASSA-TEMPO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 38

Por A. Moseley (1912)

Pretas (8)

(Brancas 10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 36

1 T 5 C R

O tema deste problema é da pregagem mutua das duas Damas. Muito curiosas as variantes nas quaes as Pretas jogam... D 5 D, C 5 D, B 5 D seguindo-se os mates em D 2 D (a D preta pregada) D 3 R pela intercepção do B preto e D 4 R pela intercepção da T. e da D. preta.

CONTINUAÇÃO)

De sacrificio, de cheque a descoberto, de interposicão ou intercepção, ampliativo, de desvio ou afastamento, de mate eco, de mate eco camaleão, de mate mudado, de mate acrescentado, de porta aberta, dos quatro cantos, de pendulo, de valvula, de promoção de pião, de tubos de orgão partidos, de embuscada, de pregagem (clonage), de dar e tirar, tema romano, indiano-americano, de Plachutta, Brede, Grinshaw, Seeberger, Nowotny, Wood, Moller, etc.

BARREIRA DE SOMBRA

CAMPO PEQUENO

NA corrida de domingo, houve apenas de notavel o trabalho dos infantis Casimiros, muito especialmente a lide do quinto touro pelo mais pequeno dos manos, que foi delirantemente ovacionado, compartilhando dessa ovação, seu irmão e seu pae que tambem trabalharam a contento geral.

Dos oitos touros, todos puros, pertencentes ao sr. João Assumpção Coimbra, apenas tres cumpriram, tendo dado excelente lide o primeiro da segunda parte, otimamente farpeado pelo heroe da tarde, José Casimiro Junior.

O espada «Max Espinosa» cravou dois bons pares de bandarilhas, manejou regularmente o capote e com a muleta não fez nada de notavel.

Dos nossos peões, houve dois bons pares de M. Crespo, um de Ribeiro Tomé e outro de Plá Flores.

Os forcados fizeram duas pegas regulares e a direcção da lide confiada a «Rodriguito» satisfez.

No intervalo do quarto para o quinto touro foi sorteado um cavalo de «verdad», que saiu ao promotor da corrida...

ZÉPEDRO

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO A CARGO DE **REI-FERA**

QUADRO DE HONRA

REI-VAX

Campeão decifrador do n.º 37

QUADRO DE DISTINÇÃO

24 DECIFRAÇÕES

VASCO H. DIAS

22 DECIFRAÇÕES

A. M. C.,

21 DECIFRAÇÕES

ARIEDAM, LOPES COELHO

20 DECIFRAÇÕES

ROBÚR, BISTORNÇO

DECIFRADORES DO N.º 37.

OUTROS DECIFRADORES:

ERRECÊ, 17—DROPÊ, 17—MIDA, 13—REIROBI, 9—AULEDO, 8

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

Charadas em verso:—Decote, Perraria, acrobata.
Logogrifo:—Um grande aperto de mão.
Charadas em frase:—Aconto, Agronomo, Emproado, Contra-ataque, Julgamento, Clavaria, Precatoria, Lucia,-lima, Catatua.
Sincopadas:—Javisco-Jasco, Mimica-Mica.
Aumentativas:—Tacã-o.
Electrica:—Aba.
Dupla:—Tacho.
Truncada:—Saveiro-Aveiro.
Tipograficos:—Quem nada pede nada tem, Quem dá ogo dá duas vezes, Sublime.
Enigma:—Burra, Burro, Burrão.

CHARADAS EM VERSO

Com sincera *saudação*—3
Eis aqui um infalivel,
Que em breve, e com razão,
Ver-lo-heis ser invensivel!

De orgulho não se turva,
Em letrados não se *fia*—1
Mas perante vós se curva
Com *profunda cortesia.*

A. M. C.

CHARADAS EM FRASE

(A todos os colegas)

Saibam todos que se não devem *colocar defronte* do filho *de Neptuno*, pois que isso *não lhes será conveniente.*—2-2.

DROPÊ

Mais *por baixo*, brada com *acento perspicas.*—1—1.

JAMES& MICHAEL

Esta *flôr* é oriunda de um *enorme arbusto do Brazil*—3—2.

Porto — REI DO ORCO (G. E. L.)

Reptando «Rei do Orco»

Ha sempre *aborrecimento* em sofrer um *desgosto*—1—2

Guarda — HICCO-ZONHI

SINCOPADAS

3—Despedi o meu *creado*, por desobedecer á minha *prohibição*—2

Porto — ERRECÊ

3—E' *açoutar* sem piada pois não se quiz *munir* a tempo—2.

LHERY

3—A *aspereza da parte interior das pestanas*, provova *inchaço*—2.

A. M. C

2—Um homem *activo* é muito *sing.lar*—2

4 MADUROS

AUMENTATIVA

Comi uma *torrada* que me custou uma *moeda*—2

AFRICANO

Pica o *animal*—2.

OSOR

ELECTRICA

Concluir assim e ganhar *odio*—2.

BISTRONÇO

ELECTRICAS

A *alcoviteira* deu-me esta *govinha*—2

REI-BARRO

No *campo* tudo é pureza
Desde o vindo ao bom azeite,
Em frutas é uma riqueza
Não esquecendo o bom *leite*—2

AFRICANO

Em *cresço* em face da *lei*—2

AFRICANO

TRANSPORTAS

(Ao colossal edipista Lha-Lhe)

O *estrume* é para a terra o *ingrediente principal*—2.

BISTRONÇO

Que *animal* me rasgou a *vestimenta*?—2

LHERY

DUPLA

Na *embarcação* apanhei um lindo *papagaio*—3

AFRICANO

TRUNCADAS

Com este *instrumento* marei um *homem*—2

AFRICANO

MAÇADA GEOGRAFICA

Formar o nome duma terra portugueza com as letras da seguinte frase:

RICO, E BEBES DA TASCA?!

AFRICANO

EM QUADRO

. . . . Numa linda *embarcação*
. . . . Veio um *homem* de Manilha
. . . . Para ver se nesta *terra*
. . . . Comprava certa *armadilha*

TIPOGRAFICOS

A $\frac{\text{VASILHA}}{\text{RETUMBAR}}$ E O $\frac{\text{ANTERO}}{\text{NOTA NOTA R}}$

A. M. C.

Porto — ERRECÊ

PONTAS CIRCULOS ᴚᴚUC (invertido: CURA) 100 PONTAS

A. M. C.

DAMAS

Solução do problema n.º 37

	Brancas	Pretas
1	18-22	25-18
2	21-25	30-21
3	7-10	14-7
4	5-14-23-30 (D)	21-14
5	30-16-2-9-18-32	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 38

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o Problema n.º 36 os srs. Artur Santos, e José Brandão. Foi tambem, solucionista do n.º 35 o sr. Sarapico (Colares).

O problema hoje publicado foi-nos enviado por Neulame (Figueira da Foz).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo ar< Damas.* Dirige secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

ENIGMA TIPOGRAFICO

HOMEM U NOTA U PLANTA
BRATAQUIO 500 NOTA (invertido) TA
NOTA I NO NOTA (invertido) TA

AFRICANO

ENIGMA FIGURADO

CORREIO DO

LHERY.—Cada confrade que aqui entra é um amigo que me visita. A sua colaboração é valiosa e registo-a com prazer. Os meus agradecimentos.

HICCO-ZONHI.—Já tinha dado pelo engano e não foi preciso notificar-lho em face da sua atitude. Espero a rectificação respectiva e bem assim a prometida colaboração.

MIDA.—Colegas que encarnam a modestia, tenho-os sempre por terriveis... Aguardo a colaboração prometida.

REI-FERA

SNRS CHARADISTAS

Afim de simplificar esta secção, dar-lhe um aspecto moderno e satisfazer os desejos de muitos charadistas colaboradores, comunico-lhes que fica, de futuro, sujeita ao seguinte

REGULAMENTO:

São se publicam, *Charadas em verso, em frase, Logogrifos, Enigmas e Enigmas figurados.*

Estes bem desenhodos em papel branco e a tinta da China.

O prazo para entrega das decifrações, é de 6 dias a contar da data da saída dos respectivos numeros.

O presente regulatamento entra em vigor no proximo numero.

REI-FERA

VARIA

RESPOSTAS A CONSULTAS

HAROLD.—Boa inteligencia e rapida asimilação, amor á sciencia, trato afavel, gostos simples, ideias largas proprias e independentes, energia moral. Memoria excelente, sentimento de poesia . . . em prosa, sensualidade forte e equilibrada.

T. S.—Originalidade, cansaço moral, bondade inata, desde creança, muitos nervos e mal dominados, rajadas de pessimismo, grandes e dominantes, boa inteligencia, um tanto filosofo, orgulho de si proprio. Imaginação sonhadora, idealismos humanitarios, generoso e leal.

ISRAEL.—Inteligencia cultivada, originalidade, bom gosto, ambicioso por calculo, nervos fortes e indominaveis. Sentimento artistico em todas as suas manifestações, prodigalidade e economia ás vezes. Bom diplomata, sensualmente cerebral, energico.

A. Q. L. R.—Não serve o papel pautado, escreva outra vez.

XIRA LOPES—Inteligencia mediocre, curiodade de tudo, espirito religioso e supersticioso. Sensualidade cerebral, amor á musica e á dança, generosidade quando convem. Optismismo, inconsciente dos que esperam não sabem o quê.

CALMEIRÃO (Norte).—Indecisão, acanhamento, amor aos livros e aos romances. Hipocrisia de comerciante, ordem, metodo, nervos tremulos, espirito religioso, reservado, trato afavel, amor aos gatos.

MARIA DO CEU.—Grande imaginação, idealismos, inteligencia asimilavel. Generosa, dedicada, habilidade manual, espirito critico com... espirito. Graça de movimentos, trato afavel e simpatico, bom gosto para se vestir, franca, ordenada nos objetos . . . e além disto é bonita, adoravel.

PEDRO I.—Caracter apaixonado violento e por vezes ciumento em extremo, amor aos livros e á musica. Optimismo, actividade, trabalhador, generoso, valente e tanto mentiroso. Amor á dança.

STOCISTA.—Mania de ser original, distinção, bom gosto, teimosia, aptimismo, muita sensualidade, mundanismo. Amor á musica, generosidade espirito religioso, nervos mal dominados, exigente.

FUMIDA.—Caracter ainda não formado, generosidade, boa memoria, desconfiança, espirito religioso, violencias de caracter produzidas por excesso de nervos. Pouco amor ao estudo, grande imaginação, curiosidade.

LINA.—Muito orgulho de si propria, gostos originaes, muito rebuscados, equilibrio moral—Enercia, voluntaria, com um trato agradabilissimo, emperturbavel ante as suas grandes comoções, amavel generosa. Inteligente, amor á estetica, ás flores e á boa musica.

EMILIO.—Força de vontade impaciente, trato original, orgulho, inteligencia clara e cultivada, distinção pessimismos passageiros, generosidade impulsiva.

NATERCIA.—Alude a um manuscrito que não encontro dentro do envelope. Respondo ao cartão embora seja tão pouco o escrito que quasi não se pode analisar. Espirito recto e amor á boa musica, juizo claro e justo das coisas.

11 DE MAIO.—Boa e cultivada inteligencia, justo, nenhuma vaidade, inteligencia, lealdade, generosidade valentia, ordem, amor ás sciencias e ás artes, bom gosto para tudo.

JOHN (Coimbra).—Boa inteligencia, força de vontade um tanto impaciente, energico e por vezes agressivo, muito, muito sensual, muito voluntarioso, pouco meigo, nenhuma vaidade e generoso como convem.

ZÉ SERÍTA.—Boa força de vontade, generosidade, caracter impulsivo e dedicado, originalidade com bom gosto, pessimismos passageiros, idealismo, curiosidade, reserva e descrição, espirito religioso, trato afabilissimo, amor pela sciencia, pouca ou nenhuma vaidade pessoal que não exclue dignidade propria. Ideias independente, nem optimisto nem pessimismo, por que tudo espera do seu esforço, amor á verdade aos livros . . . e ás mulheres bonitas.

FILHO UNICO.—Inteligencia mediocre, generosidade para os outros verem, intimamente egoista e ambicioso, amor ao estudo. Bom gosto no vestir incapaz de se apaixonar por alguem que não seja ele proprio. Fraca saude, amor ao conforto e aos gatos. Honras aos perfumes.

ESOPESIA.—Boa força de vontade, boa memoria, idealismo, sentimento de poesia, predileção pelo fado. Imaginação exaltada, energia impulsiva, bom gosto, amor á dança, habilidade manual, generosidade bem entendida, lealdade, amor aos seus.

JOÃO QUALQUERCOISA.—Intelgente e desconfiado, intuição, generoso, (nos conselhos e não na dadiva). Bom gosto artistico e literario, sentimento de poesia. Força de vontade, ambição, energia, ordem moral e material, espirito analisador, apaixonado material.

F. R. R.—Caracter fraco, impulsivo e dedicado, nada vaidoso, por acanhamento. Bom gosto, fina perceção das coisas, suave, economico e geneaoso, quando vê miseria. Idealismos inconfesados, amor á verdade. Tem muito boas qualidades dentro de si.

FILIA.—A escrita não chega e o papel é pequeno de mais e pouco. Posso errar e... adeus aos creditos da Dama Errante!

MARIA ANTONIETA.—Não serve o papel pautado.

ESPIRITUAL.—Não serve é papel pautado.

OINOTNA.—Caracter apaixonado e vehemente imaginação exaltada, ciumes, bom gosto para tudo. Sensualidade forte, idealismo, rajadas de mau caracter muito passageiras, amor aos livros, energia, habito de mandar, habilidade manual, amor á verdade.

ANIZ.—Força de vontade impaciente, reserva, discreção, amor á musica e á dança, ideias independentes, generosidade bem entendida, em tanto desconfiada, energia e vaidade.

FIA-TE.—Inteligencia boa e cultivada, temperamento sensual e apaixonado, amor aos livros, grandes rajadas de mau humor, amor á sciencia, nada de vaidade sentimento de poesia.

A DAMA ERRANTE

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

AOS NOVOS

Concurso de novelas curtas

Tem tido um grande exito o nosso concurso de novelas. Na nossa redação deram já entrada quarenta e sete originais que um juri idoneo em seu tempo, terá de classificar a fim de se distribuirem

3 GRANDES PREMIOS

ás melhor classificadas e

MAIS 6 PREMIOS

ás que se lhe seguirem em perfeição.

As condições do Concurso são as seguintes:

—Os concorrentes entregarão os seus escritos até ao dia 30 de Outubro nesta redação, em carta fechada e dirigida ao CONCURSO DE NOVELAS CURTAS.

—As novelas deverão ser escritas em letra legivel, duma só face do papel e nunca superiores a quatro folhas de papel almaço.

—O tema das novelas pode ser, policial, tragico, sentimental ou de aventuras.

—Deverão ser observados os principais caracteristicos das novelas que aqui temos publicado, e que são: Acção rapida, humana, consisa, dividida em pequenos periodos e de preferencia focando a vida dos nossos dias, nas suas tragedias e ambientes.

O Concurso é encerrado no dia

30 DE OUTUBRO

ATÉ LÁ, TODOS PODEM CONCORRER

As novelas não classificadas nos nove prémios, mas que ofereçam condições, serão publicadas em

O misterioso chinez do Bristol Club

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7)

Conversaram muito naquela noite—e a chinês sentiu-se fascinado, perturbado pela sedução daqueles olhos doces. Durante os dias em que ali se conservou, o general teve varios encontros secretos com Maria Celeste. Uma paixão impetuosa, cega, que a ambos roubava o sentimento das responsabilidades, unira-os indestrutivelmente. Sentiam que longe um do outro não poderiam viver. Shiam-lo-Fiu teve então um gesto que o desonrou aos olhos dos que lutavam pela mesma causa politica, mas que o engrandece perante os que sabem avaliar da nobreza, do desinteresse e da sinceridade da paixão humana. Abandonou honrarias, despiu sua farda de general, abdicou dos seus triunfos e, nos braços meigos de Maria Celeste, evadiu-se através da China na intenção de alcançar Lisboa onde tencionava viver com a mulher amada.

Mas a infelicidade esperava-o. Foi serseguido na sombra por um agente de vinganças, que o espreitava, que aguardava o momento de desempenhar-se da sua missão sinistra.

Os namorados haviam atravessado a Siberia, a Russia, a Polonia, a Alemanha e alcançaram Paris onde resolveram descançar algum tempo. Ali viveram incognitos e felizes durante um mês. Uma noite, porem, ao regressar ao hotel, Shiam-lo-Fiu encontrou Maria Celeste alagada em sangue, com um punhal cravado no coração.

O punhal tinha no cabo de marfim uma palavra escrita em arabescos chineses: «Vingança»!

Conta-se que as faces do general não tiveram uma contração, nem um estremecimento. A sua dor foi toda intima e profunda.

Dois dias depois prosseguiu na viagem encetada. Alcançou Lisboa. E aqui se deixa viver, entre as portuguesas, que lhe fazem lembrar nos olhos, nos cabelos, na sensualidade dos lábios a formosa Maria Celeste que lhe ensinava alguns dos vocabulos portugueses com que ele dirige amabilidades ás «mininas» do Bristol.

LOBO DA SERRA

O que a grafologia diz da gente de teatro

(ANALISES FEITAS SOBRE AUTOGRAFOS)

POR

A Dama Errante

Amelia Rey Colaço

Vontade fírme com rajadas de impaciencia. Juizo claro e calmo das coisas. Muito amor á estetica, ideias proprias, emaginação viva e exaltada. Nervos vibrados á menor contrariedade, temperamento sêco mas dedicado. Caminha vertiginosamente pela vida mas tem pavor ás grandes velocidades. Zanga-se frequentemente consigo propria. Sentimento poetico sem pieguice.

Maria de Lourdes Cabral

Boa e cultivada inteligencia, ideias proprias, originalidade, orgulho intimo e muita vaidade. «Pose» um tanto fingida, energica, de caracter desigual, custa-lhe voltar atraz embora ás vezes domine os seus impulsos. Nervos fortes, sentimento de poesia, assimilação intelectual, imaginação a mais.

Dama Errante

AUTORA DAS PRESENTES ANALISES GRAFOLOGICAS

Estevam Amarante

Espirito de economia, pouca generosidade, fortaleza de espirito. Grande tenacidade, inteligencia não muito cultivada. Egoismo, sentimentalidade poetica, nervos fortes, boa saude. Vaidade interior, tendencias ao feminismo, superstição. Espirito ironico, amor á dança, capaz de jogar á pancada mas não por todas as razões. Ambicioso, fortemente sensual, e de muito boa memoria para as ofensas que lhe fazem.

Rafael Marques

Força de vontade que fraqueja, nervos indominaveis, mau grado todos os esforços que faz para os conter. Inteligencia clara, ideias elevadas, originalidade no trato, pensa muito, o que lhe faz mal. Energico, por vezes irrascivel, generosidade bem entendida, intermitencias de bom e mau caracter. Desordem nos objectos, sensualmente cerebral, teimosia em coisas pueris. Pouca vaidade, amor á verdade.

Nascimento Fernandes

Agressividade. Nervos muito mal dominados, ama profundamente a discusão. Poupa um alfinete e expalha uma fortuna. Leal e grande conceita de si proprio. Não sabe o que quer.

PUBLICIDADE

Dr. Octaviano de Sá

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

a mais linda cara da Ribeira Nova! é a nossa candidata a Rainha na grande festa dos mercados

18 ANOS EM FLOR!

Ilda da Cunha Pinto, 18 anos, de Lisboa, filha de pais de Estarreja, a terra da gente linda! E' esta a nossa Rainha! Apontamo-l'a ao jury já com a sanção de milhares de olhos... como indiscutivel primeiro premio da Ribeira Nova, a esta flôr da Raça!

Veja o nosso concurso de novelas curtas